

Os documentos musicográficos no arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, em Minas Gerais: características e a busca por conexões com a história local

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO TEMÁTICO: Acervos Musicais Brasileiros

Fernando Lacerda Simões Duarte
Pesquisador independente
lacerda.lacerda@yahoo.com.br

Resumo. Entre o último quartel do século XIX e a primeira metade do século XX, muitas dioceses foram criadas e algumas dioceses, elevadas a arquidioceses. Tal fenômeno envolvia uma estratégia de maior controle das práticas religiosas e uma presença mais efetiva do clero até mesmo nas mais remotas regiões do país. Uma das dioceses criadas neste contexto da chamada Romanização foi Pouso Alegre, em Minas Gerais, no ano de 1900. Após a criação de uma diocese, documentos decorrentes de suas atividades passam a ser produzidos e parte dos documentos paroquiais, deve ser recolhida à Cúria, surgindo a necessidade de um arquivo eclesiástico. Neste trabalho, busca-se conhecer a parcela do arquivo da Arquidiocese de Pouso Alegre – elevada a esta condição em 1962 – composta por documentos musicográficos. Questiona-se as características de tais documentos e suas possíveis relações com a memória e a identidade locais, conceitos estes presentes na obra de Joël Candau. O estudo dos dados obtidos em pesquisa documental realizada *in loco* se fez à luz dos grandes movimentos que envolveram as práticas musicais católicas no século XX. Os resultados apontam para a prevalência de repertório restaurista, com concentração nas primeiras décadas do século XX e a vinculação com a história local por meio dos antigos possuidores dos documentos, em sua maioria, clérigos ou aspirantes, um fator determinante para o recolhimento.

Palavras-chave. Música religiosa – Igreja Católica, Acervos musicais em Minas Gerais, História local, Romanização católica, Clérigos músicos.

Musicographic Documents in the Archive of the Metropolitan Curia of Pouso Alegre, Minas Gerais: Characteristics and the Search for Connections with Local History

Abstract. Between the last quarter of the 19th century and the first half of the 20th century, many dioceses were created, and some were elevated to archdioceses. This phenomenon involved a strategy of greater control over religious practices and a more effective clergy presence even in the most remote regions of the country. One of the dioceses created in this context of so-called Romanization was Pouso Alegre, in Minas Gerais, in 1900. After the creation of a diocese, documents arising from its activities are produced, and some parish documents must be collected by the Curia, thus creating the need for an ecclesiastical archive. This work seeks to understand the portion of the archive of the Archdiocese of Pouso Alegre – elevated to this status in 1962 – composed of musicographic documents.



The study examines the characteristics of these documents and their possible relationships with local memory and identity, concepts present in the work of Joël Candau. The study of data obtained from on-site documentary research was conducted in light of the major movements involving Catholic musical practices in the 20th century. The results point to the prevalence of restorationist repertoire, concentrated in the first decades of the 20th century, and the connection with local history through the former owners of the documents, most of whom were clergy or aspirants, a determining factor in their collection.

Keywords. Religious Music – Catholic Church, Musical Collections in Minas Gerais, Local History, Catholic Romanization, Clergy Musicians.

Introdução

Desde o século XVIII, a Igreja Católica passou a enfrentar alguma resistência por parte de uma visão de mundo iluminista e liberal à qual se alinhava parte dos governos na Europa. No século XIX, a oposição se acentuou em uma série de nações, a exemplo da Alemanha recém-unificada, na França e em Portugal. Embora o Brasil não fosse mais colônia portuguesa desde 1822, o fenômeno da Reforma Geral Eclesiástica ocorrido 1834 no país ibérico se repetiu deste lado do Atlântico, ainda que em menor intensidade: se em Portugal todos os bens das ordens e congregações religiosas haviam sido sequestrados e passado à Fazenda Pública (Silva; Lencart, 2024), no Brasil, durante o reinado de Pedro II foram proibidos os noviciados nas casas religiosas do clero regular, de maneira a esvaziá-los em algumas décadas e, em última análise, seus bens terem o mesmo destino dos conventos e mosteiros lusitanos.

Ainda na relação Estado e Igreja, o fim da dotação financeira em diversos países, leis que permitiam o divórcio, o fim do monopólio religioso no campo da educação, a extinção de foros privilegiados para clérigos, dentre outros tratamentos que o catolicismo tinha enquanto religião oficial demandaram alguma reação por parte da Igreja institucionalizada (Duarte, 2016).

A resposta encontrava seguia o rumo que a experiência histórica recente conferia: prosseguindo a proposta do Ultramontanismo, que reafirmava a autoridade papal sobre qualquer decisão tomada em sínodos locais, consolidou-se uma autocompreensão conhecida como Romanização – que muitas vezes se confunde com o próprio Ultramontanismo, dada a continuidade entre ambos. Nesta nova autocompreensão, reafirmava-se a soberania do pontífice romano, buscava-se alinhar as práticas religiosas, tanto quanto possível, às prescrições tridentinas. O controle dos ritos pelo clero – mas também das atividades antes exercidas pelas



irmandades e o controle de seus cofres –, a implantação de devoções como o Sagrado Coração de Jesus e o reforço à devoção eucarística foram algumas características. Finalmente, a busca por um rompimento com todos os “vícios da Modernidade”, por meio do *Syllabus errorum*, de 1864, que implicou um afastamento da Igreja Católica de suas relações orgânicas com o poder temporal e reforçou críticas ao Espiritismo, à Maçonaria e, sobretudo, ao Comunismo (Wernet, 1987; Gaeta, 1997). A fim de aumentar o controle das atividades religiosas locais, também foram criadas dezenas de dioceses, mais do que duplicando, em quarenta anos, o número das até então existentes: “as 68 dioceses e prelazias criadas entre 1890 e 1930 [...] refletem esse contexto e a expansão desse poder” (Rosendahl, 2008, p. 365).

Uma das dioceses criadas no período foi Pouso Alegre, no sul de Minas Gerais, em 1900. Com a instituição de um novo bispado, um território específico – à exceção das dioceses e prelazias pessoais, cujo governo se dá em relação a determinados indivíduos, e não sobre um território – passa a ter uma nova autoridade eclesiástica, mais próxima, e com ela, a produção de documentos da administração desse governo. Assim, a instituição de um arquivo se faz necessária. Ademais, as paróquias muitas vezes encaminham para as cúrias sua documentação mais antiga para o recolhimento à fase permanente, ou seja, para se destinarem à pesquisa. O arquivo eclesiástico constitui-se como lugar de memória – no sentido proposto por Pierre Nora (1993) – não apenas institucional, mas da sociedade sem sentido mais amplo, visto que, ao longo de séculos, a Igreja Católica assumiu no Brasil a função atualmente desempenhada pelos cartórios de registro civil¹.

Neste trabalho, busca-se lançar um olhar para o Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, não em sua totalidade, mas para aquelas fontes que talvez se relacionem de maneira mais imediata ao interesse musicológico, os documentos musicográficos. Embora não seja praxe arquivos de cúrias pelo país recolherem documentação musicográfica, alguns deles o fazem, tais como São Paulo, Oliveira-MG, Manaus, Natal, Curitiba, Salvador – acervo se encontra recolhido ao Laboratório de Conservação e Restauração reitor Eugênio Veiga da

¹ Os acervos católicos têm uma particularidade em relação aos da Administração Pública: registros mais antigos que, cujo prazo prescricional civil já teria implicado a perda de qualquer função probatória, seguem úteis. Isto se aplica especialmente em relação aos assentamentos de batizados e matrimônios, que serviam, em última análise, de documentação civil no território brasileiro. A remuneração pela pesquisa destes tipos de assentamento e a produção de certidões para fins de nacionalidade estrangeira parece ser, na visão deste autor, que tem razoável contato com os arquivos eclesiásticos, a principal forma de custeio das atividades dos arquivos diocesanos no presente.



Universidade Católica de Salvador (LEV/UCSal) – e Goiânia – recolhido ao Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (IPEHBC/PUC Goiás). Cada instituição define seu sistema para catalogação e acondicionamento. No caso do arquivo de Pouso Alegre, nota-se que todos os documentos musicográficos ocupam o mesmo “*táxon*” no quadro de arranjo. Sua proveniência, entretanto, varia, estando ligada, na maioria das vezes, a clérigos, em alguns documentos, à época ainda na condição de seminaristas.

São quatro os grupos de documentos musicográficos, sendo três mais antigos, ligados aos monsenhores Aristeu Lopes e José Eugênio Fonseca, bem como ao cônego Luiz Gonzaga Ribeiro. O quarto conjunto é de obras do compositor Joseph Carducci, mais recente, com documentos produzidos em *software* de edição musical. As partituras de canções escritas em clave de Sol com acompanhamento de cifras alfabéticas eram precedidas de uma carta de apresentação com os dados de contato do autor, a sugestão de que algumas poderiam ser cantadas em missas, outras, em sessões de musicoterapia, outras ainda, durante as aulas nas escolas (Carducci, [2019]). A carta encerra assinada pelo compositor, sendo sugestiva de ter sido endereçada a alguém em Pouso Alegre. Uma pesquisa *online* revelou,² entretanto, se tratar de um material de acesso aberto, inclusive a carta de apresentação. Assim, não havendo dados sobre quem poderia ter realizado a impressão das canções e encaminhado os documentos impressos à Cúria, este trabalho se concentrará nos documentos vinculados aos três clérigos.

Deram origem a este trabalho as seguintes questões: quais as características dos documentos em relação à datação e ao conteúdo? Como estas se conectam com a história de Pouso Alegre? A fim de respondê-las, adotou-se inicialmente como procedimento a pesquisa documental *in loco*³ e o registro fotográfico de todos os documentos musicográficos. No Arquivo da Cúria Metropolitana, foi possível realizar também pesquisa bibliográfica sobre os clérigos relacionados às fontes aqui estudadas. A principal obra para a compreensão da biografia dos clérigos antigos possuidores dos conjuntos de documentos musicográficos é o

² Foi localizado o perfil de Joseph Carducci, de Pittsburgh, no Facebook. A última postagem pública é de 2019. A partir dela e do endereço indicado na carta – correspondente à instituição de ensino que Carducci frequentou, a *Mt. Lebanon School District* –, chegou-se ao documento disponível *online* (Carducci, [2019]). As tentativas de contato com o compositor pelo Facebook foram infrutíferas.

³ Registre-se o imenso agradecimento à arquivista, sra. Cristina, que atendeu o pesquisador mesmo sem agendamento prévio, por compreender as limitações da pesquisa em termos de tempo para seu desenvolvimento.



livro comemorativo dos sessenta anos de elevação da Arquidiocese, de autoria de Luiz Gonzaga Rosa (2022). A análise é realizada à luz dos paradigmas que nortearam as transformações da música católica ao longo do século XX (Duarte, 2016) e da história eclesiástica (Wernet, 1987; Gaeta, 1997), bem como da já mencionada relação entre memória e identidade em Joël Candau (2011). O trabalho foi organizado em três partes, cada uma dedicada a um antigo possuidor dos documentos musicográficos.

1. Cônego Luiz Gonzaga Ribeiro

Os documentos do cônego Ribeiro constituem uma porção menor no panorama das fontes recolhidas ao acervo musical, que ocupa, em sua totalidade, somente uma caixa de arquivo de polipropileno. Trata-se de um caderno de música manuscrito intitulado *Cantemus Domino* (1943), somente com partes vocais, com repertório sacro nas línguas latina e vernácula, anterior ao Concílio Vaticano II.

O repertório produzido na primeira metade do século XX teve como panorama a busca da Cúria Romana por um afastamento das características musicais da ópera e da música sinfônica, cuja assimilação foi recorrente no repertório sacro do século XIX. Para tanto, Pio X promulgou o *motu proprio* intitulado *Tra le Sollecitudini* em 22 de novembro de 1903. Segundo o documento, o repertório seria mais adequado aos templos na medida em que se aproximasse dos referenciais do canto gregoriano e da polifonia do século XVI, especialmente do repertório produzido por Giovanni Pierluigi da Palestrina (c.1525-1594). Essa proposta de trazer de volta à condição de dignidade o repertório praticado nas missas e demais serviços religiosos solenes ficou conhecida como Restauração musical católica. Seu alinhamento à Romanização é bastante evidente, uma vez que, em ambas, buscava-se afirmar uma identidade católica pela via da alteridade em relação à Modernidade (Duarte, 2016).

O grande expoente do repertório restaurista foi o compositor italiano Lorenzo Perosi (1872-1956). É de Perosi a “*Missa Pontificalis*” que abre o caderno do cônego Luiz Gonzaga Ribeiro (1911-1979). Trata-se da *Missa Prima Pontificalis*, de 1897. Além de revelar o alinhamento das práticas locais aos paradigmas romanos, o protocolo da partitura traz, de maneira discreta, à direita do título, a indicação “Sagr. D. Delfim 3-10-43”. A indicação se refere à sagração ao episcopado do clérigo mineiro Delfim Ribeiro Guedes, que a recebeu das



mãos de dom Octávio Augusto Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre na data anotada pelo cômego Ribeiro. Inicialmente, dom Delfim atuou na diocese de Leopoldina e depois, em São João Del Rei.

A cópia da *Missa Prima Pontificalis* feita por Ribeiro mantém a disposição do compositor, de três vozes desiguais. Conforme o *motu proprio* de Pio X, as partes equivalentes às vozes femininas deveriam ser executadas por *pueri cantorum*, ou seja, por um coro de meninos. No caso de Pouso Alegre, não há dados que permitam afirmar se foi assim executado – eventualmente por alunos de algum colégio religioso – ou se foi empregado coro misto, prática que não foi incomum no Brasil, ainda que contrariando as prescrições romanas (Duarte, 2018).

O repertório segue com um *Tantum ergo* a três vozes escrito em duas claves, sendo as duas mais agudas em clave de Sol e uma voz em clave de Fá (Exemplo 1). A disposição das vozes evidencia, contudo, que possivelmente se tratasse de uma clave de sol oitava abaixo, com a performance com a harmonia mais fechada.

Exemplo 1 – *Tantum ergo* copiado pelo cômego Luiz Gonzaga Ribeiro em seu caderno de música.



Fonte: *Cantemus Domino*, 1943, p. 16. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras.

O caderno encerra com *Cristo Rei*, um canto religioso popular em língua vernácula. Embora seu uso tenha sido admitido no *motu proprio* de maneira restrita às procissões, este teve amplo uso em celebrações litúrgicas no Brasil anteriormente ao Concílio Vaticano II (Duarte, 2014; 2021).

Quanto ao copista do caderno, o cômego Ribeiro nasceu em Borda da Mata, distrito de Pouso Alegre, tendo sido ordenado sacerdote em 1934. Sua atuação em Pouso Alegre foi extensa, tendo abarcado a secretaria do então seminário diocesano, a vice-direção e a direção



do Ginásio São José, a capelania da Escola Doméstica Santa Terezinha – administrada por religiosas –, a direção da Escola Profissional Delfim Moreira – ligada ao bispado –, a secretaria da então diocese, a capelania da igreja dos militares, a direção do periódico confessional diocesano *Semana Religiosa*, a direção do seminário e da Obra da Propagação da Fé. No ano de produção do caderno de música, havia sido nomeado reitor do Seminário Diocesano, ao qual possivelmente pertencia o coral responsável pela música na celebração de sagração de dom Delfim Guedes. Recebeu, em 1944, a dignidade de cônego, passando a integrar o Cabido Diocesano. Em 1970, transferiu-se para a Diocese de Londrina, onde, além de vigário cooperador paroquial e encarregado de uma capela, o clérigo também escrevia para jornais paranaenses (Rosa, 2022, p. 441-443).

2. Monsenhor José Eugênio Fonseca

A fonte correspondente ao monsenhor José Eugênio Fonseca (1943-2010) também não é extensa. Trata-se de um caderno de música. O padre nasceu na cidade – então distrito – de Conceição dos Ouros. Na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em sua terra natal, Fonseca recebeu o sacramento da ordem, em 1969. Após sua ordenação, foi professor no seminário e vigário ecônomo da igreja matriz da cidade de Espírito Santo do Dourado. Sua atuação como sacerdote abrangeu distintas cidades: além da citada, Brazópolis, Piranguinho, São Sebastião da Bela Vista, Borda da Mata, Ipiúna, Itajubá e Taubaté, em São Paulo.

Acerca de sua relação com a música, escreveu o professor Luiz Gonzaga Rosa (2022, p. 349): “Sabendo que a música está em íntima ligação com a liturgia, procurou incentivar tanto uma como a outra, criando a equipe de liturgia, responsável pela organização das cerimônias litúrgicas”. E mais ao fim de sua carreira, “no ano seguinte [1996], em 20 de fevereiro, o sacerdote, grande conhecedor de liturgia e exímio músico, tornou-se também professor de Liturgia no Instituto Teológico Arquidiocesano” (Rosa, 2022, p. 350-351). O autor não esclareceu, entretanto, se seus conhecimentos seriam de música vocal ou instrumental e, no caso do segundo, qual seria seu instrumento. Pelo caderno, é possível supor que se tratasse do piano.

Na capa do caderno de música, tem-se algum detalhamento acerca do contexto de sua produção: “Seminarista José Eugênio Fonseca - Seminário Maior São José | Mariana” (Caderno de Música, 1964). A primeira obra registrada é “Grande Côro”, de Haydn, escrita para



instrumento de teclado em duas claves, sendo a escrita em praticamente todo o caderno. Esta escrita instrumental abrange as seguintes obras: “Marcha Pontifícia”, de Charles Gounod; “A Prece de Moisés”, de Rossini; “Marcha”, de G. Longhi; “Marcha dos Reis”, de Jean-Baptiste Lully; “*Rimpianto*: Serenata de E[nrico] Toselli”; “Noite Feliz”, de Franz Gruber; “Aria”, de Stradella; “*Ecce Sacerdos Magnus*”, do padre Jorge Braun, S.V.D.; “*Entrée*”, de Mozart; “Ofertório de Páscoa”, de Ch[arles] de la Morvonnais; “*Allegro*”, sem autoria identificada; “*Bourrée* - Música Aquática”, de Haendel; e “Grande Côro”, de “J. B. de Fall”.

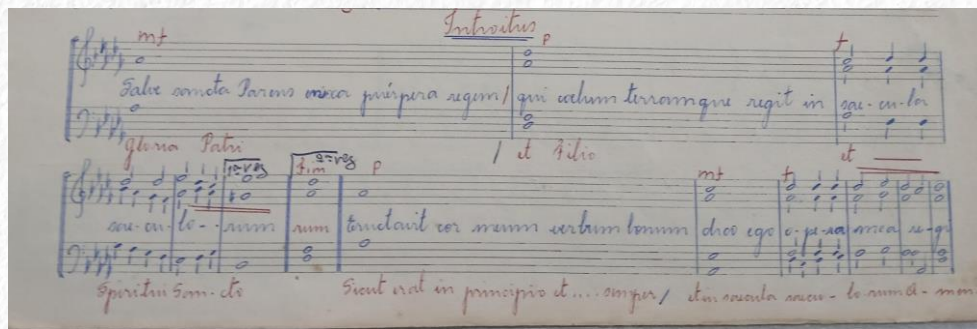
Junto a diversas barras finais das obras, há assinaturas como Seminarista J.E.Fonseca, a indicação de sua terra natal, Conceição dos Ouros, e as datas, que abrangem os anos de 1962 a 1964. Há também, em algumas delas, expressões em língua latina que ressaltam a finalidade religiosa de sua atuação: “*Ad majorem Dei Gloriam*” – “Para a máxima glória de Deus”, lema de Santo Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus – e sua variação “*Omnia ad majorem Dei Gloriam*”, “Tudo para a máxima glória de Deus”.

No caderno, há também registro de música vocal: “Será Porque”, sem autoria identificada e sem letra, mas escrito em uníssono na maior parte, em clave de Sol; “Lar Feliz: Valsa”, também sem identificação de autoria, mas com letra; “O.K.”, sem autoria indicada, sem clave de Sol e com uma tentativa de cifragem que aparentemente usa as iniciais dos nomes das notas para a cifragem, ou seja, “D” e “D⁷” para os acordes C e C⁷, e “S” para Bb.

O repertório vocal segue após algumas páginas – intercalado com o repertório pianístico – com repertório religioso em língua latina: “*Tu es Sacerdos*”, sem autoria definida, em duas claves, em disposição vocal muito semelhante à do *Tantum ergo* do caderno de Gonzaga (Exemplo 1). Na sequência, há um *Introitus* sem autoria indicada sobre o texto “*Salve sancta Parens enixa et puerpera regem*” – antífona para as festas de Nossa Senhora –, escrito em técnica de *falsobordone* italiano, ou seja, com o texto cantado pelo coro a quatro vozes em ritmo livre. Na maior parte do texto, há somente uma breve e, nos pontos cadenciais, figuras de diferentes durações, uma para cada sílaba (Exemplo 2). Esta técnica de composição foi bastante comum entre os compositores da Restauração musical católica. No caso brasileiro, Furio Franceschini, mestre de capela da Sé de São Paulo, fez largo uso em suas obras (Duarte, 2012).

Exemplo 2 – *Introitus*, um *falsobordone* copiado pelo então seminarista José Eugênio Fonseca.

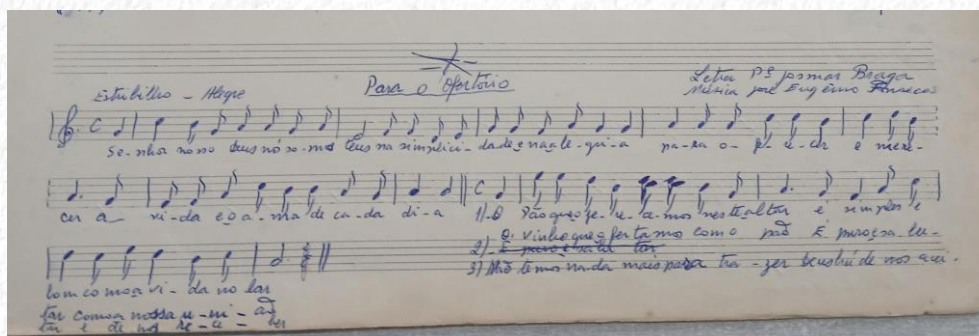




Fonte: Caderno de música, 1964, p. 32. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras.

Seguem-se um *Graduale*, um *Offertorium et Communio*, um *Graduale* e outro *Offertorium*, todos escritos em técnica de *falsobordone* e sem autoria identificada. Após o *Offertorium*, há o registro de “Para o Ofertório”, um cântico em língua vernácula. A autoria do cântico foi assim identificada: “Letra P^e Josmar Braga | Música José Eugênio Fonseca”, revelando a habilidade do clérigo também como compositor (Exemplo 3). A página final do caderno tem rascunhos de música vocal.

Exemplo 3 – Para o Ofertório, cântico composto pelo monsenhor José Eugênio Fonseca.



Fonte: Caderno de música, 1964, p. 44. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras.

Embora o repertório instrumental seja na maioria pianístico, pouco adequado, portanto, aos templos, conforme o *motu proprio* de Pio X – e tenha possivelmente servido mais ao estudo do instrumento do que à apresentação desse repertório em ritos religiosos –, a música vocal revela bastante aproximação dos ideais da Restauração musical católica. Finalmente, destaca-se que o padre verbita Jorge Braun, autor do *Ecce Sacerdos Magnus*, foi um compositor restaurista atuante em Minas Gerais.



3. Monsenhor Aristeu Lopes

Monsenhor Aristeu Lopes (1905-1996) também era mineiro, de Cambuí. Dentre os três clérigos, foi o que legou maior quantidade de documentos musicográficos ao Arquivo da Cúria de Pouso Alegre. A música teve papel central em suas atividades, a ponto de, por ocasião de sua morte, ter sido lembrado pelo monsenhor Afonso Ligório Rosa (*apud* Rosa, 2022, p. 102), no periódico *Semana Religiosa*, como “musicista, exímio compositor, diretor de coral, pianista”. Assim, para que se chegasse ao nível de detalhamento que se dedicou aos cadernos de música analisados nos itens anteriores, seria necessário um trabalho somente para seus documentos, com proporções maiores que este paper, o que deverá ser realizado futuramente. Neste trabalho, contudo, o objetivo é lançar um olhar para os itens musicais do arquivo da Cúria como um todo, de modo que a análise aqui proposta é menos detalhista.

Monsenhor Aristeu foi o primeiro a nascer dentre os três padres aqui abordados. Sua ordenação presbiteral ocorreu em 1928. Foi vice-diretor do Ginásio São José e responsável pela direção da paróquia de Congonhal, um distrito de Pouso Alegre que atualmente é município. Apenas quatro anos após a ordenação, recebeu o título de cônego honorário e, em 1935, de cônego catedrático. Atuou também em Cachoeira de Minas, Conceição dos Ouros e em Cambuí. Foi também redator do periódico *Semana Religiosa*. Chama atenção em sua biografia o domínio da hipnose, que utilizava em tratamentos e supostas curas de sofrimentos psíquicos.

Em 1958, foi nomeado membro da Comissão de Música Sacra da então diocese e censor eclesiástico, mesmo ano em que recebeu o título de monsenhor. As comissões de música sacra foram incentivadas pelo *motu proprio* e teriam um papel de promover as obras musicais consideradas adequadas aos paradigmas restauristas, mas também de censurar as que estivessem em desacordo. O complexo sistema baseado em uma espécie de “código jurídico de música sacra” – como o próprio documento se denominava – com mecanismos de propaganda, censura e incentivo à formação musical do clero que se observa no catolicismo pré-conciliar do século XX foi denominado controle normativo das práticas musicais (Duarte, 2016).

Ao contrário dos cadernos de música, nem todos os itens relacionados ao monsenhor Aristeu têm marca de propriedade ou relação evidente de autoria da fonte, ou da obra musical – copista ou compositor, respectivamente. Um caderno de música para 2ª voz com repertório para a Semana Santa é exemplo disto. O caderno inicia por “1ª Missa”, para a Quinta-feira Santa



e a indicação “+ Dom Ramos”. Nela, se observam as partes fixas em língua latina, mas a intervenção de segunda mão sobre o *Kyrie*, em uma tentativa de traduzi-lo para a língua vernácula. O mesmo ocorre na “*Missa – Nos Autem*”, que se segue. As obras seguintes são a “*Missa Noite Feliz*” e “*Missa S. Joaquina*”, mas nesta há somente o texto em latim. Em nenhuma delas há autoria identificada. Seguem-se partes específicas da Missa de Ramos, com a indicação “(na Catedral)”. No intróito “*Domine ne longe facias auxilium tuum*” também houve uma tradução: “Senhor, não afastes o teu socorro” (Músicas da S. Santa, [19--]). É inviável tecer considerações estilísticas acerca dessas obras neste estudo ainda exploratório.

Outro item é uma brochura feita com folhas avulsas, cujo conteúdo é repertório coral. Há no protocolo da primeira obra – *O esca viatorum* – a indicação “Direção”, que aponta para a atividade de regência coral, muito possivelmente a cargo do clérigo. Não há indicação, contudo, de qual seria o grupo coral. Neste documento, poucas são as indicações dos compositores, sendo eles J. Singerberger, cônego Pedro Van der Straet, O. van Durme, padre J. B. Siqueira, A. SILESIO, padre Bastos, Palestrina, Rink, Kunc, Moortgat, Ainblinger, Furio Franceschini, Gilbert, Walczinski e Hedwige Chrétien. A presença de uma única mulher reflete o cenário da Restauração musical católica, na qual a presença feminina foi negociada em relação às duras prescrições e proibições do *motu proprio* (Duarte, 2018). A presença de Palestrina e Franceschini aponta para a busca por um alinhamento à Restauração Musical Católica. Especula-se, pelo modo como a autoria foi registrada, que o padre Bastos possa ter um compositor local conhecido do copista. Já o padre João Baptista de Siqueira atuou na Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Um caderno de música com uma Missa que tem no protocolo a indicação “Cº Aristeu Lopes” parece ser uma das fontes mais interessantes, pois revela o estilo de escrita do clérigo como compositor, claramente alinhada aos paradigmas musicais restauristas. A tentativa de tradução do *Kyrie* (Exemplo 4) revela a busca pela adequação do repertório às diretrizes pós-conciliares.

Exemplo 4 – *Kyrie* da Missa do cônego Aristeu.





Fonte: Caderno de música, [194-], p. 1. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras.

Na *Missa*, há diversas correções feitas com caneta de cor vermelha, rasuras e emendas, sendo sugestiva a condição de manuscrito autógrafo que serviu à composição da obra. No mesmo caderno, há um *Te Deum*, os *Responsórios de Natal* e um *Ecce Sacerdos Magnus*, todos para duas vozes iguais e órgão, de autoria de Aristeu Lopes. Apenas na última obra há uma indicação de data, 1947. O caderno traz ainda esboços de outras composições e alguns arranjos.

Em outro caderno, identificado como “Diversas peças para Harmonium”, há cópias realizadas por Aristeu Lopes, mas também arranjos e adaptações de obras, além de uma *Ave Maria* para duas vozes iguais, com acompanhamento de harmônio de sua autoria. Nesta partitura, há a indicação de diversos nomes femininos, que podem se tratar de cantoras de um coro. Já em uma parte vocal avulsa com Responsórios, copiada em 1961, há a anotação de segunda mão “Nenê e Maria Paiva”, o que reforça a hipótese.

Há ainda um *Hymno Diocesano*, dedicado à Diocese do Sul de Minas, de autoria de Francisco Raposo P. de Lima, um dos raros materiais publicados que integram o acervo. A partitura é para banda de música e não consta dela o texto do hino. Outro impresso é a partitura de *Avante Cruzados*, publicada na Revista dos Cruzados da Arquidiocese de São Paulo, um volume da revista *Música Sacra*, periódico especializado publicado em Petrópolis nas décadas

de 1940 e 1950, que difundia os ideais da Restauração musical católica. O único impresso de repertório claramente fora do contexto religioso é a partitura de Baião da Serra Grande, de Fred Williams. A partitura tem, entretanto, duas marcas manuscritas de propriedade: “Antonio | 3-2-59.” e “Dora - 1-S-59”. Não há indícios de como esta fonte se integrou ao acervo do cônego. Outro impresso com marca de propriedade é a partitura de *Victimae Paschali*, para coro a duas vozes iguais, de Luigi Botazzo, na qual se lê “Primo Sartori”. O acervo conta ainda com mais uma quantidade expressiva de documentos musicográficos manuscritos, em parte copiados por Aristeu Lopes.

Um aspecto a ser destacado do conjunto documental é a circulação de fontes e de repertório dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, o que reflete a proximidade de Pouso Alegre da fronteira com São Paulo, mas também uma distância relativamente curta do estado fluminense.

Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se apresentar uma visão abrangente dos documentos musicográficos recolhidos ao arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, organizado em quatro distintas proveniências.

Os documentos mais recentes foram impressos diretamente da internet, entre 2019 e 2024, não tendo sido possível identificar o(a) responsável pelo encaminhamento ao arquivo. O segundo e o terceiro grupos são integrados por dois cadernos de música, pertencentes a sacerdotes da Arquidiocese de Pouso Alegre, sendo que um deles era seminarista. A formação musical do clero anteriormente ao Concílio Vaticano II fica evidenciada em tais fontes, o que reforça a eficiência de um dos mecanismos de controle normativo propostos no *motu proprio* de Pio X. O conjunto mais volumoso pertenceu ao monsenhor Aristeu Lopes, que além de instrumentista, foi também compositor.

Os resultados apontam para a prevalência de repertório restaurista, com concentração na primeira metade do século XX. Fica evidente ainda a vinculação dos documentos com a história local, especialmente pela atuação de seus detentores, que foram clérigos – no caso do monsenhor José Eugênio Fonseca, um então aspirante à carreira. Dois deles revelaram atuar também no âmbito da composição, para além da prática de música instrumental.



Finalmente, cabe notar que a vinculação dos documentos com clérigos da Arquidiocese de Pouso Alegre parece ter sido um fator determinante para o recolhimento.

Referências

CADERNO DE MÚSICA, instrumento de teclado em duas claves; uníssono e coro a quatro vozes. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras. [Pouso Alegre]: cópia do Seminarista José Eugênio Fonseca, 1964. Partitura manuscrita. 50 p.

CADERNO DE MÚSICA, vozes com acompanhamento de órgão. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras. [Pouso Alegre]: cópia de Aristeu Lopes, [194-]. Partitura manuscrita. 20 p.

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. 219 p.

CANTEMUS DOMINO, uma e três vozes. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras. [Pouso Alegre]: cópia de Luiz Gonzaga Ribeiro, 1943. Partitura manuscrita. 20 p.

CARDUCCI, Joseph. Songs: My letter to the Church enclosing a collection of songs. *Love Letters and Songs*. [2019]. Disponível em:
https://mylifeinletters700.wordpress.com/?fbclid=IwY2xjawL152pleHRuA2FlbQIxMABicmlkETFSZWY2MFZzdFZEa0ZlRE9JAR5O0-iTpGBsYeqnQPfRR7-Z25JNBPNiaekp0gSViSkgd9TkxbbRWHJNLNqsIQ_aem_yY0qXoT-oDVG2PsPWGkuaw. Acesso em 12 abr. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Canticos Christaões, ou os Hymnos mais Celebres do Officio Ecclesiastico, traduzidos em portuguez: uma chave para a compreensão das continuidades no uso da língua portuguesa na música religiosa católica. *Opus*, [s.l.], v. 26, n. 3, p. 1-44, 2020. Disponível em:
<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2020c2604>. Acesso em 6 set. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Do canto religioso popular à música autóctone: memórias, esquecimentos e o desenvolvimento de uma identidade musical local no catolicismo pós-conciliar. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 3., 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014. p. 784-794. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/4669>. Acesso em 6 set. 2025.



DUARTE, Fernando Lacerda Simões. Entre normas e negociações: a presença feminina na restauração musical Católica no Brasil. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 5., 2018, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2018. p. 617-629. Disponível em: <https://seer.unirio.br/simpom/article/view/7763>. Acesso em 6 set. 2025.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Música e Ultramontanismo*: possíveis significados para as opções composicionais nas missas de Furio Franceschini. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. 200p.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. *Resgates e abandonos do passado na prática musical litúrgica católica no Brasil entre os pontificados de Pio X e Bento XVI (1903-2013)*. São Paulo, 2016. 495f. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/5449ceb8-53c1-40e4-b7d3-d2a4c1d07d5a>. Acesso em: 6 set. 2025.

GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. A Cultura clerical e a folia popular: estudo sobre o catolicismo brasileiro nos finais do século XIX e início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 17, n. 34, p. 183-202, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881997000200010. Acesso em 29 abr. 2021.

MÚSICAS DA S. SANTA, 2ª voz. Arquivo da Cúria Metropolitana de Pouso Alegre, Partituras. [Pouso Alegre]: copista não identificado, [19--]. Partitura manuscrita. 20 p.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História: a Problemática dos Lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/0>. Acesso em 10 jan. 2019.

ROSA, Luiz Gonzaga da. *O Senhor nos Chamou*: sacerdotes, bispos e arcebispos falecidos – Arquidiocese de Pouso Alegre - MG - 2022 – 122 anos da criação do bispado do Sul de Minas | 60 anos da criação da Província Eclesiástica. Pouso Alegre: edição do autor, 2022. 538 p.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e sua dimensão política: territórios e territorialidades religiosas. In: ROSENDAHL, Zeny (org.). *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. p. 335-385. Disponível em:



<https://books.scielo.org/id/wy7ft/pdf/rosendahl-9788575115015-15.pdf>. Acesso em 10 mai. 2025.

SILVA, Maria João Oliveira e; LENCART, Joana. Os inventários de extinção dos conventos em 1834: uma tentativa de reconstituição de dois cartórios de instituições religiosas de cariz beneditino – Rendufe e Tomar. *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra*, Coimbra, v. 37, n. 1, p. 157-174, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/160174>. Acesso em 10 jul. 2025.

WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no Século XIX: A reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987. 217p.

